



Universidade de Brasília

Ministério da Educação

Centro de Estudos Avançados Multidisciplinares

Centro de Formação Continuada de Professores

Secretaria de Educação do Distrito Federal

Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação

Curso de Especialização em Gestão Escolar

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA

Luciana Silva Gomes

Professora-orientadora Dra. Otília Maria A.N.A .Dantas
Professora monitora-orientadora Dra. Liliane Campos Machado

Brasília (DF), Julho de 2014.

Luciana Silva Gomes

**AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA
AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA**

Monografia apresentada para a banca examinadora do Curso de Especialização em Gestão Escolar como exigência parcial para a obtenção do grau de Especialista em Gestão Escolar sob orientação da Professora-orientadora Dra. Otilia Maria A. N. A. Dantas e da Professora monitora-orientadora Dra. Liliane Campos Machado.

TERMO DE APROVAÇÃO

Luciana Silva Gomes

AVALIAÇÃO DA APRENDIZAGEM NO CONTEXTO DA AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL DA ESCOLA

Monografia aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Coordenação Pedagógica pela seguinte banca examinadora:

Dra. Otília Maria A. N.A Dantas
UnB/FE/MTC
(Professora-orientadora)

Dra. Liliane Campos Machado
UnB/FE/MTC
(Tutora-orientadora)

Prof. Marcos Alberto Dantas – UnB/FACE/ADM
(Examinador externo)

Brasília, Julho de 2014.

Esta monografia é dedicada ao trabalho árduo e corajoso de todos os funcionários e professores da Escola Classe 14 que se esforçam para terem uma comunidade melhor e conseqüentemente um mundo melhor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus que me concedeu a vida e a oportunidade de poder compartilhar experiências através desta especialização.

A professora Dra. Liliane Campos Machado por toda paciência, comprometimento e delicadeza dispensada a mim e ao meu trabalho.

As minhas amigas Adriana, Ana Claudia, Dhully e Marlúcia que estiveram sempre ao meu lado, incentivando-me para um crescimento intelectual e profissional.

Aos meus lindos filhos Maria Paula e Pedro Paulo e meu esposo Carlos que me inspiram para realizar todos os ideais em minha vida.

Agradeço também a todos que mesmo de forma indireta contribuíram para realização desta pesquisa.

Defino a avaliação da aprendizagem como um ato amoroso, no sentido de que a avaliação, por si, é um ato acolhedor, integrativo, inclusivo.

(Luckesi, 2002)

RESUMO

Esta monografia busca investigar se os professores conhecem os tipos de avaliação e suas funções. Para alcançar os objetivos, foi utilizada a pesquisa qualitativa e quantitativa, onde os professores, direção e coordenação responderam um questionário. Ficou perceptível que os educadores não tinham maior conhecimento dos tipos e funções das avaliações existentes. Constatou-se que cada professor adota o seu processo avaliativo em sala de aula. Este estudo oferece importantes contribuições de entendimento aos professores do que é verdadeiramente o ato de avaliar e sua função primeira que é a de diagnosticar e um chamamento para que todos educadores avaliem seus educandos de forma singular, ou seja, cada discente tem suas peculiaridades e se faz necessário exercer em sua prática avaliativa o respeito às diferenças dos alunos.

Palavras chave: Avaliação; tipos de avaliação; funções da avaliação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
2.AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR.....	13
2.1 CONCEITO DE AVALIAÇÃO.....	14
2.1.1 OBJETIVOS METODOLÓGICOS DA AVALIAÇÃO.....	17
2.1.2 ORIENTAÇÕES GERAIS PARA A PRÁTICA DA AVALIAÇÃO DO PROFESSOR.....	20
3. AVALIAÇÃO COMO DESAFIO.....	23
3.1. O ATO DE AVALIAR E O COTIDIANO DOS ALUNOS.....	27
4. QUALIDADE NA ESCOLA.....	29
5. O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO PROCESSO AVALIATIVO.....	32
6.METODOLOGIA.....	35
7. FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA.....	36
7.1 PESQUISA DE CAMPO NA ESCOLA CLASSE 14.....	36
7.2. DADOS DO QUESTIONÁRIO.....	37
8. ANÁLISE DOS RESULTADOS.....	39
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	41
REFERÊNCIAS.....	43
APÊNDICE.....	45

INTRODUÇÃO

A avaliação é um processo abrangente que requer uma reflexão crítica sobre a prática, no sentido de compreender, seus avanços, suas resistências e dificuldades a fim de possibilitar uma tomada de decisão sobre o que fazer para superar os entraves que impedem a aprendizagem dos alunos.

Para Luckesi (2002), a avaliação, diferentemente da verificação, envolve um ataque ultrapassa a obtenção da configuração do objeto, exigindo decisão do que fazer com ele. “A verificação é uma ação que “congela” o objeto; a avaliação por sua vez direciona o objeto numa trilha dinâmica de ação”.

A avaliação da aprendizagem é objeto de intensas preocupações e conflitos que provoca tantos questionamentos e ainda nos tempos atuais é um instrumento de controle e regulação. Luckesi (2005) nos diz que “a avaliação da aprendizagem é toda prática que propunha diagnosticar o andamento da aprendizagem dos educandos na vida escolar.”

A pesquisa será realizada na Escola Classe 14 situada na área urbana de Planaltina-DF. A escola funciona a mais de vinte anos. Atende alunos da Educação Infantil e do Ensino Fundamental de 9 anos 1ª fase. A escola atualmente esta com o quantitativo de 500 alunos distribuídos nos turnos matutino e vespertino.

Os recursos materiais da escola estão, assim, distribuídos:

- Onze salas de aula,
- Duas salas para Educação Integral,
- Uma sala de recursos e orientação educacional,
- Uma sala para coordenação, vice-diretoria e mecanografia,
- Uma sala para secretaria, assistente administrativo e direção.
- Uma sala dos professores,
- Uma sala de informática,
- Uma sala para os servidores,
- Duas cantinas, sendo uma comercial,
- Seis banheiros,

- Uma quadra,
- Um parque,
- Um pátio coberto.

Os recursos humanos que atuam na escola são:

- Um diretor,
- Uma vice-diretora,
- Um assistente administrativo,
- Uma secretaria,
- Três coordenadores pedagógicos,
- Uma coordenadora da Educação integral,
- Vinte e dois professores,
- Quatro merendeiras terceirizadas,
- Quatro vigilantes,
- Quatro servidoras readaptadas,
- Oito servidores para conservação e limpeza,
- Uma orientadora educacional,
- Uma pedagoga,
- Uma professora para sala de recursos,
- Três monitores para Educação Integral,
- Uma monitora técnica para atender os alunos com necessidades especiais.

A Escola Classe 14 funciona nos turnos matutino e vespertino, sendo 11 turmas em cada turno, abaixo descritos;

Matutino: Duas turmas de Educação Infantil e Nove turmas do Ensino Fundamental de 9 anos 1ª fase.

Vespertino: Quatro turmas de Educação Infantil e sete turmas do Ensino Fundamental de 9 anos 1ª fase.

A cada ano a Escola Classe 14 tem crescido satisfatoriamente nas avaliações governamentais, obtendo como média no IDEB de 5,1.

Diante das avaliações realizadas em sala de aula, é notório que os professores da Escola Classe 14 têm procurado mudar as suas práticas

avaliativas, mas mesmo assim o índice de dificuldade de aprendizagem continua grande e tem preocupado em demasia tanto os docentes quanto a equipediretiva da escola.

A avaliação da aprendizagem é um tema muito abstrato e importantíssimo para a comunidade escolar, principalmente para os professores e para os educandos, sendo assim, “avaliar é dinamizar oportunidades de ação-reflexãonum acompanhamento permanente do professor que incitará o aluno a novas questões.” (HOFFMANN, 1995, p.20). Contudo me sinto motivada a aprofundar e conhecer mais sobre essa prática, para ampliar meus conhecimentos e mudar minha prática avaliativa.

O presente trabalho possui como base epistemológica o materialismo histórico dialético idealizado por Marx, a partir das orientações filosóficas de Hegel.

Na perspectiva materialista histórica, o método está vinculado a uma concepção de realidade, de mundo e de vida no seu conjunto. A questão da postura, nesse sentido antecede ao método. Este se constitui numa espécie de mediação no processo de aprender, revelar e expor a estruturação, o desenvolvimento e transformação dos fenômenos sociais. (FRIGOTTO, 2004, p. 77).

O processo metodológico será a pesquisa quantitativa e qualitativa, e o método utilizado nesta pesquisa será descritivo.

Segundo GAMBOA, 1998 a pesquisa quantitativa tem sua origem nos fundamentos no enfoque filosófico positivista, que pressupõe a neutralidade do sujeito a favor do fator quantidade.

Para CERVO, BERVIAN, DA SILVA, 2006 o questionário é a forma mais utilizada para coletar dados por possibilitar, medir com mais exatidão o que se deseja. É um importante instrumento da pesquisa quantitativa, porque utiliza-se geralmente de perguntas fechadas, padronizadas de fácil aplicação e acesso, facilita a apuração dos fatos bem como a tabulação das análises.

HOFFMANN, 2001 coloca que a pesquisa qualitativa é uma análise, ou seja, o que a caracteriza é a ênfase na sua forma de operacionalização como um processo descritivo sobre o conteúdo trabalhado.

A pesquisa ocorrerá na Escola Classe 14 situada no Setor Residencial Leste de Planaltina-DF. A referida instituição atende alunos da Educação

Infantil e da primeira fase do Ensino Fundamental de nove anos. A instituição está inserida em uma comunidade carente e com altos índices de violência. Os 29 docentes que serão pesquisados possuem graduação e especialização na área de educação.

Para realização da investigação da realidade serão utilizados questionários que deverá conter nove perguntas direcionadas a prática avaliativa da escola em estudo e uma questão descritiva. Esses questionários vão ser aplicados aos professores, coordenadores e direção que compõe a comunidade interna da Escola Classe 14, com um total de 29 funcionários.

Os dados serão coletados em três coordenações pedagógicas na Escola Classe 14 de Planaltina-DF. Antes de iniciar a aplicação haverá um esclarecimento sobre o trabalho com um resumo sucinto sobre práticas avaliativas e suas implicações no processo ensino/aprendizagem.

Os registros da coleta dos dados serão utilizados para interpretação e tabulação da pesquisa. Todo o processo deverá ocorrer em um prazo estimado de dois meses. Desde a elaboração do questionário, aplicação e tabulação dos dados coletados.

Os recursos técnicos utilizados serão: questionários fotocopiados em folha A4, slides explicados no Data Show referentes ao tema e internet.

Esta pesquisa vislumbra uma maior reflexão dos professores e direção da Escola Classe 14 em torno de um tema tão importante que é a avaliação do educando. Este estudo busca subsidiar a prática pedagógica dos docentes bem como o desejo em ampliar os conhecimentos a cerca de um assunto de suma importância como é o da avaliação no contexto escolar.

Sendo assim, pretende-se alcançar os seguintes objetivos: analisar o papel da avaliação no contexto escolar, identificar os diferentes tipos de avaliação; descrever como ocorre o processo de avaliação utilizado pelos professores em sala de aula; compreender a avaliação como processo permanente de aprendizagem, dinâmico e transformador do contexto social; identificar concepções e práticas avaliativas dos professores.

Após a apresentação do referencial metodológico que traz a justificativa da pesquisa, os objetivos, o método aplicado, os instrumentos utilizados na pesquisa de campo, inicia-se propriamente a fundamentação teórica, que

aborda o tema avaliação, na linha de alguns autores que relatam sobre o assunto.

Dando continuidade a pesquisa apresenta-se a fundamentação empírica que traz a metodologia da pesquisa de campo realizada na Escola Classe 14, com relato e análise dos resultados.

Finalizando o estudo apresenta-se as considerações finais, com base no eixo teórico e nas observações e relatos da pesquisa realizada.

2. A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO ESCOLAR

O tema avaliação tem sido objeto de múltiplas discussões em debates, livros jornais. Em consequência do interesse despertado pelo desafio de avaliar, da complexidade do tema e da necessidade de se aprimorar o processo avaliativo muitos professores estão se voltando para o estudo desse processo no sentido de aprimorá-lo e torná-lo eficaz.

Essa questão deve-se ao fato de que o termo avaliação é, geralmente empregado no sentido de se obter um juízo quantitativo da aprendizagem em seu caráter seletivo, a avaliação procura diagnosticar as deficiências do aluno. Por isso sua prática se resume em constatar quais os conteúdos que foram aprendidos e qual o nível de comportamento atingido como resultado da aprendizagem.

Não basta apenas transmitir matéria, o processo de aquisição de conhecimento deve fundamenta-se na mudança de hábitos, atitudes e comportamentos, sendo de responsabilidade do professor conhecer a realidade do aluno e trazê-la para a sala de aula a fim de estimular a assimilação de conteúdos, tornando-o mais interessante e desafiador.

Por tudo isso se verifica que a avaliação é um desafio a ser superado pelos professores. Não será fácil mais é preciso começar a refletir para que as mudanças surjam. O ato de avaliar deve permitir a análise crítica da realidade educacional, pois o sistema de ensino somente progredirá a medida que seus avanços, necessidades e fundamentos se inter-relacionarem no cotidiano da sala de aula.

Desta forma, busca-se uma orientação de como se avaliar os alunos, visando sua qualificação e não sua sentencição. Para esta questão não há respostas prontas nem métodos a serem aplicados. O que será discutido aqui são práticas em construção, atitudes que poderão der tornadas, hábitos a serem assimilados e porque não procedimentos a serem abolidos.

Avaliar um aluno após a realização de todo um trabalho não é fácil, pois cada um assimila e compreende o que foi explicado de forma única. A aprendizagem ocorre de forma individual, por isso, muitas vezes os professores

se equivocam ao escolher a forma de avaliação, pré-julgando por diversas vezes o aluno como um fracassado.

Porém, hoje com tantos estudos e cursos de formação não é admissível que professores ainda utilizem a avaliação para sentenciar ou reparar danos, seja por disciplina ou por falta de interesse dos alunos.

Com esta pesquisa pretende-se estimular o interesse pelas diversas formas de avaliar, conectando os conteúdos à realidade do aluno.

De maneira geral busca-se aprender a interpretar processos contínuos de ensino e aprendizagem do aluno, para que assim, ele possa ser avaliado de forma produtiva, levando-se em consideração o que ele aprendeu e não o que deixou de aprender; conhecer teorias de aprendizagem para avaliá-lo; observar as avaliações tradicionais e perceber a sua pouca eficácia, além disso, entender que a criança pode ser avaliada sempre seja em uma atividade em grupo, no dever de casa, nas atividades comuns feitas diariamente e não somente por meio de provas.

Mais não deve-se apenas mostrar o que o professor deve alcançar, é necessário proporcionar a ele a formação contínua de uma nova mentalidade, de novas condutas a serem seguidas. Para isso, é de suma importância propor alternativas para que possam avaliar os alunos, identificar as suas principais dificuldades ao elaborar as avaliações, buscando soluções além de lhe mostrar que é possível avaliar por meios próprios, simples, mais de grande valor.

A avaliação deve ser realizada considerando todos os aspectos do educando com suas reais possibilidades e toda sua produção escolar visando colocar a avaliação no cotidiano do trabalho de sala de aula para que possa ser avaliado a situação de ensino-aprendizagem em que o aluno está inserido.

2.1 Conceito de avaliação

A avaliação é processo contínuo da pesquisa que vai interpretar os conhecimentos, habilidades e atitudes dos alunos, tendo em vista mudanças esperadas no comportamento propostas nos objetivos, afim de que haja condições de definir alternativas do planejamento do trabalho do professor e da escola com um todo.

Segundo Phillippe Perrenoud (2005)

Avaliar é cedo ou tarde criar hierarquia de excelência em função das quais se decidirão a progressão no curso a ser seguido, a seleção no início do secundário, a orientação para diversos tipos de estudos, a certificação antes da entrada no mercado de trabalho, e frequentemente a contratação. (p. 9)

A avaliação não é um fim, mais um meio. Ela é um meio que permite verificar até que ponto os objetivos estão sendo alcançados, identificando os alunos que necessitam de atenção individual e reformulando o trabalho com a adoção de procedimentos que possibilitem sanar as deficiências identificadas.

Os objetivos da avaliação são metas que orientam o ensino, indicam expectativas quanto ao desenvolvimento da capacidade dos alunos ao longo de cada ciclo. É preciso criar critérios para a avaliação que conduzam a aprendizagem básica para cada fase, desconsiderando a comparação e a classificação dos alunos, pois agindo assim, o professor terá ao final de seu trabalho, uma sentença sem sentido e inútil.

Numa visão retrospectiva da avaliação educacional, dois problemas podem ser identificados com maior intensidade: a ênfase excessiva na palavra e no ponto de vista do professor, em detrimento ao agir e pensar do estudante, e a concentração de esforços na testagem de resultados finais ao invés de processos de aprendizagem. (HOFFMANN, 1998,p.48.).

A avaliação efetiva vai se dar durante o processo de ensino-aprendizagem, nas relações dinâmicas de sala de aula que orientam as tomadas de decisões frequentes, relacionadas ao tratamento do conteúdo e a melhor forma de compreensão e produção do conhecimento pelo aluno.

Apresentar o conhecimento pronto e acabado, desconsiderar as respostas pessoais, ignorar a posição do aluno, por mais simples que seja, são posturas não aceitas para um professor atuante e responsável pelo seu trabalho.

É nas relações cotidianas entre professor e aluno que a aprendizagem vai acontecer. Dessa interação vão surgir condições mais efetivas para que ambos possam ser capazes de se avaliar, de avaliarem o conteúdo trabalhado e de tomarem decisões quanto ao prosseguimento do processo ensino aprendizagem.

Em outras palavras, pode-se dizer que a concepção que fundamenta o processo de avaliação depende da tendência pedagógica assumida no ensino-aprendizagem o que, por sua vez, reflete uma concepção de homem, de educação e de sociedade (BRASIL, 2002. p.25).

Outros autores também defendem a avaliação educacional no seu aspecto informal reconhecendo-a como ferramenta para ajudar a caminhar no seu processo de aprendizagem.

A avaliação é um método de adquirir e processar evidências necessárias para melhorar o ensino e aprendizagem; inclui uma grande variedade de evidências que vão além do exame usual de papel e lápis. É um auxílio para clarificar os objetivos significativos e as metas educacionais, e é um processo para determinar em que medida os alunos estão se desenvolvendo dos modos desejados; é um sistema de controle de qualidade, pelo qual pode ser determinada, etapa por etapa do processo ensino-aprendizagem. (BLOOM, 1982, p.177)

Avaliar detalhadamente os conteúdos específicos dos programas e práticas de ensino, relacionando objetivos, julgando e testando metodologias, bem como gerando atividades e espaços adequados às condições escolares locais é um passo importante. Porém, o sentido da prática educativa permeia num conceito um pouco demagógico, pois nem sempre o que se avalia e quem avalia tem consciência da sua importância no processo da aprendizagem.

Apesar de ser quase unânime a ideia de que a avaliação é uma prática indispensável ao processo de escolarização, a ação avaliativa continua sendo um tema polêmico. Há uma intensa crítica aos procedimentos e instrumentos de avaliação frequentemente usados na sala de aula, que muitas vezes se fazem acompanhar da sinalização de novas diretrizes ou de novas propostas de ação. O olhar para essas alternativas precisa estar atento aos discursos e às práticas para evitar que a perspectiva técnica continue colocando na sombra a perspectiva ética. (ESTEBAM, 1999, p. 19)

Somente quando começar a inovar, a escola poderá incorporar a compreensão da pluralidade, das contradições e das tensões que tomam conta das rotinas pedagógicas, da repetição de informações, o que nem sempre traz resultados.

Professores arriscam novas possibilidades, delineiam novos percursos, esboçam novas análises de antigas questões e se sentem estimulados pelos desafios diários implícitos no ser professor: profissionais cientes dos riscos e erros entranhados na construção do novo, capazes de ler nos erros, respostas que instigam a repensar o processo e sinalizam novos pontos de partida. (Id. 1999.p. 25).

É comum que os professores procurem inovar sua prática de forma gradual, introduzindo alguns elementos inéditos e conservando alguns dos tradicionais. Entre eles está a avaliação, uma das metodologias mais difíceis de modificar, pois sempre foi uma atividade de controle que visava selecionar ou incluir alguns, e excluir outros.

A avaliação no contexto de uma pedagogia progressista deverá ser realizada a todo o momento, uma vez que visa a diagnosticar as deficiências do processo ensino-aprendizagem para redirecioná-lo.

Percebe-se assim que não poderiam analisar as concepções dos professores sobre avaliação sem inseri-las no cotidiano da escola, criando espaços de reflexão permanentes e orientados por educadores/psicopedagogos/especialistas engajados em uma possível transformação dessa prática.

É preciso que tenhamos consciência de que teremos que lidar com muitos saberes diferente. Focalizar o professor em suas diferenças e respeitá-lo em termos de concepções e práticas construídas, este é o principal ponto de partida para desencadear a discussão sobre o tema. (HOFFMANN, 1988. p. 74)

A avaliação não envolve somente questões de organização ou de objetivos. Ela envolve a disposição do professor em se preocupar com cada aluno, no sentido de proporcionar um atendimento às suas diferenças, levando-o a um crescimento dentro de suas potencialidades.

A necessidade de pesquisar novas formas de avaliação coerentes com as atividades desenvolvidas nas escolas e de mostrar a importância de diversificar os instrumentos de avaliação, de forma a proporcionar oportunidades de evidenciar o progresso dos alunos e dos professores ao longo dos estudos, devem ser uma constante no progresso de ensinar.

2.1.1 Objetivos metodológicos da avaliação

Percebe-se nas escolas atuais a presença de posturas muito distintas entre os professores de uma mesma escola, o que muitas vezes pode gerar conflitos, conflitos estes que podem ser significativos, pois levam à reflexão dos verdadeiros objetivos da avaliação. Não basta apenas avaliar para atingir

resultados, é preciso analisá-los e se preciso reavaliar todo o trabalho, assim como um processo e não um fim.

Numa visão retrospectiva da avaliação dois problemas podem ser identificados com maior intensidade: a ênfase excessiva na palavra e no ponto de vista do professor, em detrimento ao agir e pensar do estudante, e a concentração de esforços na testagem de resultados finais ao invés de processos de aprendizagem. (HOFFMAN, 1988. p. 49)

É importante ressaltar algumas funções essenciais da avaliação, tais como: o fornecimento de bases para o desenvolvimento da aprendizagem, o ajuste dos conteúdos às práticas curriculares de cada escola, a facilitação do diagnóstico de cada aluno, o aprimoramento da aprendizagem e do ensino.

A construção do conhecimento científico deverá basear-se em situações problemáticas, provocando a curiosidade e a dúvida. Esse processo deve ser trabalhado em conjunto, levando-o em consideração todos os conhecimentos que foram adquiridos durante toda a vida.

Se o conhecimento esta em constante transformação, a escola não pode se limitar a um conjunto de saberes pré-definidos. Alunos e professores precisam estar envolvidos num contexto de investigação de forma que compreendam as teorias científicas dominantes, mas não de modo tão rígido que os impeça de questionar, e até mesmo criticar.

A educação é muito mais que um acúmulo de conhecimentos. É uma ação humana, mais do que um produto a ser acumulado ou adquirido, é um processo, um modo de agir e pensar, permitindo chegar a conclusões coerentes com o intuito de questionar preconceitos e estimular o equilíbrio entre novas ideias e o conhecimento previamente estabelecido.

Essa relação dinâmica de aquisição, reelaboração e produção de conhecimentos, em que os alunos participam decisivamente do processo, fazem com que não haja sentido um processo de avaliação cuja competência caiba exclusivamente à opinião do professor quanto ao desempenho dos alunos.

É preciso questionar sobre problemas importantes. Quais conhecimentos devem ser ensinados, como devem ser. Não se pode continuar impondo, ensinando conteúdos ultrapassados, somente porque ainda constam nos programas.

É necessário que se faça uma revisão dos valores e conteúdos que são passados na sala de aula, conhecer não é só repetir um amontoado de noções enciclopédicas como se solicita no modelo tradicional de ensino, que impõe passividade e estagnação. Saber é poder construir modelos, combinar conceitos que pertencem a disciplinas diferentes, resolvendo problemas ou criando situações problemáticas, sobretudo ser autor de sua própria formação, podendo situá-la num processo contínuo.

É nesse processo permanente de ação-reflexão que incidirá a prática avaliativa, ou seja, gradativamente. O processo de avaliação em sua forma final, classificatória, não encerra o processo de ensino-aprendizagem. Sua principal função deve ser a de permitir a análise crítica da realidade educacional, seus avanços, a descoberta de problemas novos, de novas necessidades e outros objetivos a serem atingidos.

É nítido que a prática avaliativa nas escolas vem se enveredando no plano de negação ou desrespeito às diferenças individuais dos educandos em quaisquer áreas do desenvolvimento social, físico ou intelectual. Partindo dessa concepção, fundamenta-se o olhar do professor em critérios comparativos de domínio de conhecimento que resultam em descrições classificatórias de desempenho. Muitos são os procedimentos avaliativos que, sem dúvida alguma, punem os desvios ao padrão estabelecido e premiam os que deles se aproximam.

Analisar a programática da avaliação é primeiramente considerar ações e decisões que ela fundamenta de imediato e que atingem pessoas bem definidas. Sobre esse ponto, deve-se evidentemente distinguir as situações: a pragmática da avaliação contínua durante o ano escolar remete de início, ao andamento da aula, à progressão no programa, à manutenção da ordem, às vezes a individualização da aprendizagem. (PERRENOUD, 1999; p. 53).

O aluno valoriza o fato de saber que seu progresso é medido e avaliado pelo professor. É preciso, entretanto, que o professor utilize a sua habilidade de avaliar observando o esforço, o interesse, as novas possibilidades de o aluno aprender.

A auto avaliação nesse contexto passa a ter uma grande importância. A opção por um ensino transformador precisa oportunizar ao aluno a capacidade crítica, e para isso é importante que ele tenha condições não só de

criticar o que lhe é externo. Que essa capacidade se volte para dentro de si mesmo nas suas relações com o conhecimento e com os outros, por meio da autocrítica.

Contudo, convém ressaltar a importância que os resultados dessas avaliações se tornem conscientes e possam ser utilizados de alguma forma para reorientar o caminho do processo da aprendizagem.

As reflexões sobre avaliação partem de um marco fundamental em que se insere a problematização de esta ser uma prática que classifica o melhor aprendizado por meio de notas. Portanto, a prática avaliativa tem sido um dos pontos mais difíceis na ação educativa, tornando-se um tema a ser discutido constantemente em busca de soluções práticas e efetivas na construção do conhecimento como meio indescritível de se melhorar o processo ensino-aprendizagem. Luta-se por uma escola democrática onde a avaliação se torne um instrumento de qualificação do ensino escolar, no qual o aluno deverá criar habilidades críticas, instrutivas e desafiadoras, procurando conhecer as teorias e o seu verdadeiro sentido na realidade em que está inserido.

Portanto, a avaliação deve ser compreendida como um conjunto de ações organizadas com a finalidade de obter informações sobre o que o aluno aprendeu e de que forma. Faz-se necessário elaborar um conjunto de procedimentos investigativos que possibilitem o ajuste e a orientação da intervenção pedagógica para tornar possível o ensino e a aprendizagem de melhor qualidade.

2.1.2 Orientações Gerais Para a Prática da Avaliação do Professor

É preciso que o professor entenda que o aluno é um ser político e social, capaz de pensar, sentir e agir sobre a realidade que o envolve dentro e fora da escola. Sendo assim, ele é o sujeito principal do processo da aprendizagem.

Para que o aluno se torne um agente desse processo, é necessário que o professor considere os conhecimentos que ele possui, e a partir do concreto para o abstrato, estabeleça um paralelo entre os conceitos e a sua aplicação prática.

Não se justifica o aprendizado por meio da transmissão de registros alheios, desvinculados do pensamento crítico. Deve-se criar situações para que a partir da curiosidade, da dúvida, da formulação de conceitos, possa ocorrer a construção de novos conhecimentos, novas possibilidades resultantes da investigação científica das teorias a serem estudadas.

Cabe à escola estimular o aluno a ampliar a capacidade de observar, refletir, elaborar hipóteses e analisar conclusões. Nesse processo, busca-se desenvolver o raciocínio lógico e crítico, estabelecendo uma relação entre o cotidiano do aluno e os conceitos científicos que se pretende ensinar.

Essa prática pressupõe que os alunos sejam sujeitos de seu processo de aprendizagem e que construam significados para aquilo que aprendem, por meio de múltiplas interações com os objetos do conhecimento, tendo o professor como mediador.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) indicam critérios de avaliação da aprendizagem a serem realizadas em cada ciclo e se constituem em indicadores para a reorganização do processo de aprendizagem. Tais critérios, porém, não devem ser confundidos com critério de aprovação e reprovação.

Realizando uma análise, mesmo que superficial, do texto dos PCNs, poderemos verificar que, neste contexto, “parâmetros” configuram uma relação de conteúdos escolares considerados como válidos e necessários em como sua operacionalização na programação escolar que será considerada válida, cujo cumprimento e efetivo aprendizado dos alunos serão controlados pela avaliação nacional. (ESTEBAN, 1999. p. 118.)

Geralmente o professor tende a procurar compreender o conhecimento científico e suas habilidades cognitivas perante a análise de testes; o que nem sempre permite especificar o desempenho do aluno, o seu grau de compreensão ou da qualidade da resposta atribuída a uma tarefa.

É a quantidade de erros e de acertos, que também incorpora o comportamento, os hábitos e as atitudes dos alunos, que orienta a avaliação do professor. Saber e não saber, acerto e erro, positivo e

negativo, semelhança e diferença são entendidos como opostos e como excludentes, instituindo fronteiras que rompem laços, delimitam espaços isolam territórios, impedem o diálogo, enfim, demarcam nossa interpretação do contexto e tornam opacas as lentes de que dispomos para realizar leituras do real. (ESTEBAM, 1999. p.15.)

A avaliação, nesta perspectiva desvaloriza saberes e fortalece uma hierarquia inquietante na ausência de um efetivo processo de construção do conhecimento. Faz-se necessário construir uma avaliação capaz de dialogar com a complexidade do real que envolve alunos e professores na esfera escolar comprometida com a criação de uma escola democrática.

A avaliação deve realizar-se num espaço em que seja considerado aquele que ensina, que aprende e a relação intrínseca que se estabelece entre todos os participantes do processo de aprendizado. Portanto, não se aplica apenas ao aluno, considerando unicamente as expectativas de aprendizagem, mais implica avaliar também o ensino oferecido pelas escolas.

3. AVALIAÇÃO COMO DESAFIO

Considerando como grande problema a prática incontestável de educadores que tendem a simplificar a questão da aprendizagem em mera lista de enunciados que devem ser memorizados pelos alunos, a avaliação passa a ser assunto polêmico e discutido dentro dos valores tradicionais que reinam nas escolas.

Em decorrência do crescente interesse que a avaliação educacional vem despertando, da complexidade do tema e da necessidade de se aprimorar o processo avaliativo, grande número de educadores volta-se para o estudo desse processo no sentido de melhor compreendê-lo e de torná-lo mais produtivo.

Uma vez mais estamos imersos na tensão entre continuidade e ruptura, que se traduz no dilema entre manter, com algumas reformas superficiais, a perspectiva quantitativa da avaliação ou redefinir o percurso no sentido de construir uma perspectiva verdadeiramente democrática da avaliação. Este dilema nos coloca diante da indagação: o que está efetivamente sendo privilegiado no atual debate sobre este tema? (ESTEBAN, 1999, p. 11.)

Do ponto de vista educativo, avaliar pode ser definido como um processo sistemático, contínuo e integral destinado a determinar até que ponto os objetivos educacionais foram alcançados. Tal definição apresenta várias implicações para o educador, permitindo que algumas características básicas da avaliação possam ser analisadas e questionadas.

A prática educativa não irá mudar nas ruas em decorrência de leis, resoluções decretos ou regimentos escolares, mas a partir do compromisso dos educadores com a realidade social que enfrentam. Questionar os procedimentos avaliativos seletivos e excludentes nas escolas é uma das etapas desse compromisso. (HOFFMANN, 1998, p. 36.)

A avaliação é um processo sistemático, no sentido de não ocorrer de forma improvisada, apenas no momento em que o professor precisa atribuir uma nota ou conceito. Ao contrário, a avaliação é um processo planejado, representando uma parte inseparável e importante de um sistema mais amplo, que é o sistema de ensino aprendizagem.

A avaliação desenvolvida durante o processo de ensino-aprendizagem deve estar vinculada a um projeto educativo mais amplo, deve contar com a

participação dos professores, alunos, demais profissionais da escola, pais ou responsáveis e representantes de onde a comunidade está inserida.

Cabe à escola desvincular o autoritarismo tradicional e efetivar um ensino democrático, no qual o aluno tenha plena consciência de sua importância para o processo do “aprender” de forma significativa, além de construir o conhecimento por meio de atividades críticas e questionadoras.

Ao professor deve ser exigida, antes de tudo, competência ao ensinar. Ele precisa possuir competências não apenas no domínio do conteúdo da disciplina a ser ministrada, mas também, no conhecimento de propostas alternativas para trabalhar o conteúdo de maneiras distintas.

O professor comprometido com uma proposta de educação transformadora deve estar inteiramente consciente da importância política de sua competência no ato de ensinar.

Os critérios de avaliação referem-se ao que é necessário aprender, enquanto os objetivos, ao que é possível aprender. Os critérios não podem ser tomados como objetivos, pois isso representaria injustificável rebaixamento da oferta de ensino e, conseqüentemente, anão garantia da conquista da aprendizagem considerada essencial.

Para avaliar, segundo os critérios estabelecidos, é necessário considerar indicadores precisos que sirvam para identificar, de fato, as aprendizagens realizadas. No entanto, é importante não perder de vista que um processo relacionado a um critério específico pode manifestar-se de diferentes formas, e que uma mesma ação, pode indicar avanço para um aluno em relação a um critério estabelecido e para outro não. Por isso, além de necessitarem de indicadores precisos, os critérios de avaliação devem ser tomados em seu conjunto, considerados de forma contextual e analisados á luz dos objetivos que realmente orientam o ensino oferecido aos alunos.

Considero a formação e o aperfeiçoamento dos professores em avaliação um dos desafios atuais da educação. Mesmo com as críticas sobre o caráter de controle e autoritarismo inerentes a essa prática secular dos sistema educacional, é sabido que a atenção a essa área em cursos de formação, é frequentemente descuidada ou desarticulada da realidade, do contexto do aluno, reduzindo-se a um estudo superficial de modelos teóricos da avaliação. (HOFFMANN, 1998, p. 65)

O ato de avaliar deve estar presente no cotidiano da sala de aula, alunos e professores se avaliam o tempo todo. Ao aceitar que o ato de avaliar se faz presente em todos os momentos da vida, tudo se torna mais fácil e mais simples.

Em seu sentido mais amplo, existem nas relações de sala de aula, dois posicionamentos básicos: o do professor e o do aluno. O professor emite juízos provisórios. Esses juízos, positivos ou negativos, podem recair em atitudes diferenciadas e que se limitam, em termos extremos, em uma atitude de atenção permanente às mudanças ocorridas no comportamento da pessoa que está sendo avaliada.

O caráter dinâmico e subjetivo de formulação desses juízos provisórios faz com que o professor emita avaliações diferentes mesmo em situações aparentemente semelhantes. Esses juízos são também responsáveis pelas tomadas de posições de ambas as partes, professores e alunos, e que vão desde a colaboração e participação positiva, até a rejeição dos resultados obtidos.

No caso do professor os juízos emitidos definem a forma de seu relacionamento com os alunos, a distribuição de prêmios e castigos, punições e elogios, conforme estes se aproximem ou não de suas expectativas, de sua concepção do que seja correto, do seu sentido particular de verdade.

Na efetivação da prática do professor e nos julgamentos por ele efetuado vão estar presentes outros elementos. O conhecimento que um professor desenvolve ao trabalhar com um grupo de alunos incorpora necessariamente elementos de outros domínios de sua vida.

A avaliação deve ser contínua, por meio de todo o processo de ensino aprendizagem, e não apenas ao final de determinados períodos. Caberá ao professor utilizar diferentes tipos de avaliação que atendam às diferentes fases de cada ciclo de aprendizagem.

A avaliação se torna desafiadora na medida em que se desvincula de um caráter seletivo, procurando diagnosticar as deficiências do ensino ou do aluno. Não se resume em verificar o que o aluno aprendeu, isto é, em constatar quais os conteúdos que foram aprendidos e qual o nível de comportamento atingido como resultado dessa aprendizagem, mas busca avaliar tudo o que foi

aprendido de forma num contexto, sem desvincular o conteúdo teórico da parte prática.

No entanto, se essa função é compreendida em termos de dar condições para o aluno poder desenvolver toda a sua potencialidade, sua capacidade criativa, seu espírito crítico, a ação pedagógica terá que ser diferente, pois, deverá ser voltada para o aprendizado real e concreto.

O ensino visando à construção do conhecimento não nega a importância da aula expositiva, da formalização dos conteúdos pelo professor, mas exige a promoção do debate, da oportunidade de expressão de ideias entre alunos e professores. A sala de aula é o espaço do questionamento, da atividade intelectual intensa do sujeito aprendiz sobre o objeto do conhecimento. (HOFFMANN, 1998. p. 53).

Os resultados expressos pelos instrumentos de avaliação sejam eles provas, trabalhos, posturas em sala constituem indícios de competências e como tal devem ser considerados.

Ao criar hipóteses a respeito do desempenho dos alunos, o professor deve ter claro o que pretende obter e que uso fará desses indícios. Nesse sentido, a análise do erro pode ser um meio interessante e eficaz.

Na aprendizagem, o erro é inevitável e, muitas vezes, pode ser interpretado como um caminho para buscar o acerto. Quando o aluno ainda não sabe como acertar, faz tentativas à sua maneira, construindo uma lógica própria para encontrar a solução.

Outra preocupação seria a relativa ao conhecimento do meio sociocultural do aluno. A tarefa do professor deve ter como ponto de partida os interesses, expectativas, necessidades, não só do aluno, mas de toda comunidade escolar. Será muito fácil para o professor conseguir o interesse dos alunos se não respeitar sua bagagem cultural e seus valores. Ao propor problemas que realmente tenham a ver com sua realidade, de tal modo que eles percebam a importância de estar discutindo esse problema, o professor terá maiores oportunidades de motivá-los a se aproximar dos seus alunos.

3.1 O Ato de Avaliar e o Cotidiano dos Alunos

O ato de avaliar na vida cotidiana se dá permanentemente pela unidade imediata de pensamento e ação. Em sentido amplo, avaliação faz parte da vida diária, independentemente de quaisquer procedimentos formais, toda pessoa está continuamente emitindo juízos de valor sobre a realidade que o cerca e emitir juízo de valor, nada mais é que um processo de avaliação.

Existem nas relações de sala de aula, dois posicionamentos: o do professor e o do aluno. O professor emite juízos provisórios, que podem recair em atitudes diferenciadas e que se limita em uma atitude de atenção permanente às mudanças ocorridas no comportamento da pessoa que está sendo avaliada. O caráter dinâmico e subjetivo desses juízos provisórios faz com que o professor emita avaliações diferentes mesmo em situações semelhantes.

Esses juízos são também responsáveis pelas tomadas de posições de ambas as partes – professor e aluno – e que vão desde a colaboração e participação positiva até atos de resistência e oposição.

O compromisso do professor ao avaliar o seu aluno não é simplesmente verificar se o aluno aprendeu os conteúdos. Seu compromisso vai estar ligado a um processo complexo por onde esse saber, esse conteúdo vai ser adquirido pelo aluno de forma crítica, relacionando-o com as suas experiências de forma desafiadora, procurando novas soluções, questionando, procurando formar novas habilidades.

Ao aluno vai ser exigido muito mais do que simples estudo da matéria, onde cabe apenas o exercício de sua capacidade de memorização e, após a execução da avaliação, o esquecimento. O aluno terá participação dinâmica na sala de aula executando um esforço no ato de aprender, onde deverá colocar em funcionamento os seus sentimentos, sua capacidade intelectual, suas habilidades e emoções afetivas. (ESTEBAN, 1999. P. 68.)

A avaliação efetiva vai dar-se durante o processo, nas relações de sala de aula que orientam as tomadas de decisões frequentes relacionadas ao tratamento do conteúdo e melhor forma de compreensão produção de conhecimento pelo aluno.

De fato, a magia do avaliar está na descoberta da complexidade do ato de aprender. É a isso que me refiro quando nego a ação corretiva

e delinear as interpretações das tarefas de aprendizagem: fazer perguntas ao aluno para comprovar as respostas que já foram dadas pelo professor. (HOFFMANN, 1998.p. 135.)

O momento da auto avaliação é importante, pois é a hora dos questionamentos, de desorganização e reorganização. É imprescindível que estes momentos sejam constantes para que se encontrem realmente o sentido da avaliação.

Em um processo crítico de ensino visando a uma educação transformadora, a ênfase da avaliação vai estar nas relações efetuadas no contato diário com o conhecimento. No entanto, deve existir espaço para que sejam feitas paradas de reflexão. Essas pausas para reflexão, as avaliações, tendo em vista a verificação da aprendizagem dos alunos não podem ser, porém, o único elemento sob o qual o aluno vai ser avaliado. Para isto o professor deve propor a execução de diferentes atividades pelos alunos, elaboradas em grupos ou individualmente.

Para que a avaliação assuma o seu verdadeiro papel de instrumento de diagnóstico para o crescimento diário do aluno, ela terá que se situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. Então ela desarticulará o autoritarismo e assumirá um papel efetivo num projeto educativo socializante e democrático.

4. QUALIDADE NA ESCOLA

A escola de qualidade deve garantir a meta qualitativa do bom desempenho de todos, contudo, “*implica consciência crítica e capacidade de ação, saber e mudar*”. (Demo, In Veiga, 1988, citado por Albuquerque, 2002, p.14)

A qualidade na escola leva a uma educação que forme cidadãos-sujeitos históricos e criativos, participantes, críticos da sociedade.

A escola de qualidade possibilita ao aluno criar as condições de desenvolvimento de suas capacidades, e a participação em relações sociais, políticas e culturais diversificadas cada vez mais amplas.

Veja o que diz Garcia, em 1985(citado por Oliveira, 2002, p.21):

Uma escola de qualidade é a que distingue o fundamental do circunstancial. O primeiro sendo o conhecimento desvelador, que desenvolva o pensar crítico do aluno em relação à sociedade, dando-lhe condições de transformá-la. O segundo são as competências básicas, ou seja, a capacidade de ler, captando o significado; a apropriação da língua, o raciocínio da matemática e compreensão da organização do espaço geográfico.

Para a escola buscar a qualidade, precisa tornar-se democrática, popular e não excludente.

A escola de qualidade é a que atende os alunos na sua promoção humana, que se torna agência social que tem em seus conteúdos programáticos a marca do sentimento comunitário visando a cidadania e a nacionalidade. A escola dessa forma é vista como espaço de cultura, de manifestações artísticas, de consciência, enfim, de convivência cultural, entendida como parte dos processos de desenvolvimento e aprendizagem e também da comunidade onde está inserida, sendo, portanto, considerada com suas expectativas, características, necessidades, forma de sobrevivência, valores costumes e manifestações culturais. (ALGARTE, 1994 p.38) afirma que a escola pode ser pensada como *locus do processo de aprendizagem que possibilita a seus membros a compreensão e a transformação de si próprios e do mundo.*”

Uma escola de qualidade esta apoiada na tríade comunidade, família e aluno. Dessa forma os atores que viabilizam a qualidade da escola, ou o êxito

do processo ensino-aprendizagem, são os professores, os alunos, o diretor, os coordenadores, os demais funcionários, os pais, enfim, todos que fazem parte do processo.

Segundo (BORDIGNON, 1995, p.406), a escola de qualidade é considerada como o espaço onde ocorre: “autonomia emancipação, compromisso, competência, saber, humanização, sensibilidade, afetividade, prazer, universalização, equilíbrio, ousadia, mediação de conflitos, justiça, valorização da cultura, espaço para o novo, solidariedade, criatividade e tolerância”.

A escola de qualidade e o espaço onde os cidadãos terão o direito de ter uma formação básica comum, sem desconsiderar os valores culturais e artísticos nacionais e regionais, independente de sexo, idade, raça, e classe social. Assim a escola será de qualidade se formativa, humanística que proporcionará à camadas populares instrumentos que lhes permitam conquistar melhores condições de participação na sociedade (VEIGA, 1991, p.81)

A autora, acima mencionada, cita princípios que fundamentam a escola de qualidade, quais sejam:

- a) Igualdade de condições para acesso e permanência na escola;
- b) Qualidade não sendo privilégio das minorias;
- c) Liberdade de aprender, ensinar, pesquisar e divulgar a arte e o saber;
- d) Gestão democrática;
- e) Valorização dos professores;

Os princípios acima colocados vão ao encontro do que Gadotti diz ser a escola de qualidade, ou seja, eminentemente democrática, voltada para o conhecimento científico, possibilitando ampliar o horizonte intelectual do aluno, para que possa ter participação responsável na vida coletiva.

Nesta mesma linha, Oliveira assevera que a escola pública deve ser de qualidade, democrática e autônoma, atendendo a oito exigências básicas: questionar criticamente a realidade; partir da realidade; dignificar seus agentes; ser uma criação conjunta (com participação de todos na gestão escolar); ser um centro de convivência e irradiação cultural; proporcionar no mínimo oito anos de escolaridade; ser pública e gratuita e, por fim, obedecer à política de educação claramente definida e divulgada (OLIVEIRA, 2002, p.25)

Sintetizando, a escola de qualidade possibilitará o cultivo dos bens culturais e sociais, considerando as expectativas e necessidades dos alunos e dos autores envolvidos no contexto escolar e esses autores deverão incorporar

o desenvolvimento da criatividade e participação, levando em conta o desempenho dos alunos.

5. O PAPEL DO PSICOPEDAGOGO NO PROCESSO AVALIATIVO

O psicopedagogo é o profissional que auxilia na identificação e resolução dos problemas no processo da aprendizagem. Ele está capacitado a lidar com as dificuldades do ato de aprender, um dos fatores que leva à repetência, à evasão escolar e à conseqüente marginalidade social de muitos alunos.

O psicopedagogo tem várias funções na escola, dentre elas: possibilitar a intervenção visando à solução dos problemas de aprendizagem, tendo como enfoque o aluno. Ele pode realizar o diagnóstico e a intervenção psicopedagógica utilizando métodos, instrumentos próprios e técnica, desenvolve também pesquisas e estudos científicos relacionados às dificuldades específicas.

São inúmeras as funções deste profissional, mas aqui será dada uma atenção especial a uma específica: como o psicopedagogo pode auxiliar o professor na avaliação dos seus alunos com dificuldades de aprendizagem.

O papel do psicopedagogo é fundamental na avaliação, pois poderá contribuir no diálogo constante que deve existir entre os alunos e professores, para destacar o fato de que o aluno não deve ser mantido como mero objeto da avaliação.

O papel do psicopedagogo na avaliação é fundamental, pois contribuir no diálogo constante que deve existir entre os alunos e professores, para destacar o fato de que o aluno não deve ser mantido como mero objeto da avaliação. Para isso, o psicopedagogo precisa ter muita cautela, pois ele vai interferir no trabalho de outro profissional, e dependendo de como agir, poderá ter resultados positivos ou não.

Assim, a facilitação do diálogo educativo entre avaliando, avaliador e psicopedagogo serão de grande importância neste novo meio de analisar as situações.

A prática avaliativa concebida como julgamento de resultados baseia-se na autoridade e no respeito, impõe-se aos alunos imperativos categóricos que limitam o desenvolvimento de sua autonomia intelectual moral e intelectual. Essa prática desconsidera a importância da reciprocidade na ação educativa. Reciprocidade entendida como uma mútua coordenação dos pontos de vista e das ações. (Piaget, apud Hoffmann, 2003. p. 29).

O que se deve propor é que a avaliação seja vivida numa perspectiva que contemple o diálogo e a cooperação, na qual os educandos e educadores aprendam sobre si mesmos no ato de avaliar. A avaliação precisa ser pensada a partir da efetiva relação entre professor e aluno, opondo-se a concepção de que o professor é o principal responsável pela eliminação de crianças e jovens da escola, do seu projeto político-pedagógico, bem como do seu planejamento didático.

O psicopedagogo pode mostrar a alguns professores que a avaliação não deve ser classificatória. É preciso deixar que o aluno mostre o que aprendeu de diversas formas. Afinal, avaliar é um processo e não o resultado da aprendizagem. O ato de avaliar deve estar centrado nos seguintes pontos:

- Continuidade: a avaliação deve estar presente em todo o processo educacional;
- Compatibilidade com os objetivos propostos: a avaliação deve estar presente em conformidade com os objetivos pré-definidos pela equipe escolar;
- Amplitude: a avaliação deve estar presente em todas as perspectivas do processo educacional,
- Diversidade de formas: para avaliar devem-se utilizar vários meios.

Avaliar é um ato extremamente complexo, cuja responsabilidade não é única do professor, mas de todos os que fazem parte da comunidade escolar: pais, coordenadores, psicopedagogos e direção.

A atuação do psicopedagogo na escola visa fortalecer a sua identidade, resgatar raízes, ao mesmo tempo em que procura sintonizá-la com a realidade atual. Durante todo o processo educativo procura investir numa concepção de ensino-aprendizagem que:

- Fomente interações interpessoais entre todos da escola;
- Estimule a postura transformadora de toda a equipe escolar;
- Enfatize os conteúdos essenciais, orientando o corpo docente no sentido de desenvolver ainda mais o raciocínio dos alunos, ajudando-o a aprender, a pensar e estabelecer relações entre os diversos conteúdos trabalhados;

- Lance as bases para a orientação do aluno na construção do seu projeto de vida, com clareza de raciocínio e equilíbrio;
- Incentive a implementação de projetos que estimulem a autonomia de professores e alunos,
- Atuem junto ao corpo docente para que se conscientize de sua condição de eterno aprendiz, da importância do seu envolvimento na aprendizagem com ênfase na avaliação constante e significativa do aluno.

Dessa forma pode-se considerar que a avaliação deve ser utilizada como um meio de intervenção pedagógica, buscando uma interação para que assim, se possa observar, registrar e analisar o conhecimento construído pelo aluno, bem como as dificuldades. Espera-se que assim o aluno, por meio da avaliação possa superar obstáculos no processo de aprendizagem e, através disso formar sujeitos críticos e agentes transformadores da sociedade em que estão inseridos.

6. METODOLOGIA

Esta monografia terá como processo metodológico, a pesquisa qualitativa. Bogdan&Biklen (1982) apud LÜDKE e ANDRÉ (1986, p. 11-13) apresentam cinco características da pesquisa qualitativa:

1. *A pesquisa qualitativa tem um ambiente natural como sua fonte de dados e o pesquisador como seu principal instrumento. [...]*
2. *Os dados coletados são predominantemente descritivos. O material obtido nessas pesquisas é rico em descrições de pessoas, situações, acontecimentos; inclui transcrições de entrevistas e de depoimentos [...]*
3. *A preocupação com o processo é muito maior do que com o produto[...]*
4. *O 'significado' que as pessoas dão às coisas e à sua vida são focos de atenção especial pelo pesquisador.[...]*
5. *A análise de dados tende a seguir um processo indutivo. Os pesquisadores não se preocupam em buscar evidências que comprovem hipóteses definidas antes do início dos estudos.*

Será utilizado o método descritivo, que para González-Rey citado por (BENÍCIO,2007 p.35) onde ele diz que *“é um processo dialógico que implica tanto o pesquisador quanto as pessoas pesquisadas(...) a ênfase recai nos processos de construção e interpretação e não na resposta.”* O instrumento usado para realização da investigação da realidade será os questionários, que segundo Marconi e Lakatos(1999,p.74) citado por Medeiros(2012.p.12) nos afirma que *”o questionário é constituído por uma série ordenada de perguntas, que são respondidos por escrito. A fim de aumentar a eficácia dos questionários, é necessário observar normas de elaboração, considerando os grupos de perguntas, a organização e suas formulações.”* Os questionários serão aplicados aos professores, coordenadores e direção que compõe a comunidade interna da escola.

A amostra será intencional, onde serão investigados professores, coordenadores e direção da escola.

7. FUNDAMENTAÇÃO EMPÍRICA

Este trabalho tem como objetivo a obtenção de informações que viabilizem uma reflexão sobre a Avaliação da Aprendizagem, no tocante à Avaliação Institucional da Escola.

A Escola Classe 14, está localizada em um bairro situado em Planaltina-DF. Possui as modalidades de ensino: Educação infantil e Ensino Fundamental primeira fase. Seu regime escolar é anual e seriado; os registros dos resultados da avaliação dos alunos são efetuados através de relatórios, sendo a expressão dos resultados bimestralmente. Será. Para tanto, um questionário foi desenvolvido para ser respondido por 28 (vinte e oito) educadores os quais compõem a Direção da instituição, corpo docente e coordenação.

A análise da pesquisa de campo e o relato dos resultados serão realizados após a aplicação do questionário.

7.1 Pesquisa de campo na Escola Classe 14

A Escola Classe 14 de Planaltina-DF está localizada no setor Residencial Leste, conhecido como Buriti III. É uma comunidade carente, com alto índice de criminalidade. Inicialmente, o corpo docente e a direção foram informados sobre a execução deste trabalho. Nesta apresentação, expôs-se o objetivo da pesquisa, sua relevância e a importância da colaboração com o questionário a ser respondido.

7.2 DADOS DO QUESTIONÁRIO

A coleta dos dados foi realizada através do questionário entregue aos 28 (vinte e oito) participantes.

O questionário tratou dos temas: Modalidades de avaliação; Frequência das avaliações; Dificuldades para avaliar; Melhor meio para avaliar; Contribuição das avaliações para o crescimento profissional; Avaliações em larga escala; Benefícios das avaliações para o educando.

No que diz respeito à modalidade das avaliações, 50% (cinquenta por cento) afirmam praticar a avaliação diagnóstica, enquanto 40% (quarenta por cento) afirmam praticar a avaliação formativa. Cinco por cento dos avaliados afirmam praticar a avaliação Somativa e outros 5% (cinco por cento) afirmam praticar a avaliação tradicional.

Quanto à frequência das avaliações, 90% (noventa por cento) afirmam que a avaliação ocorre de maneira constante (processual) e 10% (dez por cento) afirmam avaliar bimestralmente.

Em relação às dificuldades para avaliar, 22% (vinte e dois por cento) afirmam sentir dificuldades para realizar avaliações, enquanto 60% (sessenta por cento) afirmam não sentir nenhuma dificuldade para realizar avaliações. Dezoito por cento afirmam sentir um pouco de dificuldades para realizar avaliações.

Quanto aos meios para avaliar, 100% (cem por cento) afirmam que o melhor meio para se avaliar é a observação cotidiana.

No tocante à contribuição das avaliações para o crescimento profissional, 86% (oitenta e seis por cento) afirmam que as avaliações interferem em seu crescimento profissional, pois através dos resultados podem repensar a sua prática, já 10% (dez por cento) afirmam que as avaliações não interferem em sua prática. Quatro por cento dos avaliados afirmam que as avaliações não interferem um pouco em sua prática.

Em relação aos resultados das avaliações em larga escala, 36% (trinta e seis por cento) afirmam que os resultados dessas avaliações são discutidos no conselho de classe, enquanto 54% (cinquenta e quatro por cento) afirmam

que são discutidas na coordenação pedagógica coletiva e 10% (dez por cento) afirmam que os resultados não são discutidos em nenhum momento.

Quanto aos benefícios da avaliação para o educando, 63% (sessenta e três por cento) afirmam que as avaliações beneficiam o educando, enquanto 22% (vinte e dois por cento) afirmam que as avaliações beneficiam em parte os educandos. Quinze por cento afirmam que não há benefícios para os educandos.

8. ANÁLISE DOS RESULTADOS

Após a análise dos dados infere-se que a direção, corpo docente e coordenação conhecem perfeitamente as modalidades de avaliações e sua relevância para todos os envolvidos.

Praticamente todos os participantes destacaram que o método de avaliação deve ser contínuo e processual. A Nova LDB, em seu Art. 24, inciso V, diz que *“a verificação do rendimento escolar observará os seguintes critérios”*: a) *avaliação contínua e cumulativa do desempenho do aluno, com prevalência dos aspectos qualitativos sobre os quantitativos e dos resultados ao longo do período sobre os de eventuais provas finais [...]*, pois dessa forma o aluno e professor serão beneficiados, já que poderão pensar melhor sobre suas atividades quando for preciso.

Para 60% (sessenta por cento) dos participantes facilitam as práticas de avaliação dos alunos. (LUCKESI, 1998, p.174) afirmou que *“a avaliação da aprendizagem tem por objetivo auxiliar o educando no seu crescimento e, por isso mesmo, na sua integração consigo mesmo, ajudando-o na apropriação dos conteúdos significativos.”*

Os resultados mostram que 90% (noventa por cento) dos participantes apresentam conhecimento sobre o resultado das avaliações em larga escala, assim como sobre a contribuição destas para o desenvolvimento dos professores e alunos. Como nos afirma (HOFFMANN, 1998.p.53) *“A sala de aula é o espaço do questionamento, da atividade intelectual intensa do sujeito aprendiz sobre o objeto do conhecimento.”*

Tendo em vista tais resultados, conclui-se que a Avaliação da Aprendizagem no Contexto da Avaliação Institucional da Escola é uma prática constante da Escola Classe 14 de Planaltina-DF. Devido ao grande período de trabalho na instituição, os participantes possuem bastante conhecimento sobre a comunidade em que a Escola está inserida e de suas necessidades, assim como sobre as políticas educacionais, de nível nacional e mundial, implantadas neste período.

Dessa forma, é possível afirmar que o índice de reprovação do terceiro ano ocorre por influência de problemas que estão além do alcance da Escola. Dentre estes destacam-se problemas financeiros, de ordem familiar,

deficiências intelectuais, dentre outros. Entretanto, apesar das dificuldades, a Escola procura modificar suas avaliações, através de projetos que integrem a escola com a família e a comunidade. Tais projetos buscam o desenvolvimento integral do aluno e do progresso sobre seus limites. Com muita propriedade Luckesi no diz que:

A prática da avaliação da aprendizagem, em seu sentido pleno, só será possível na medida em que se estiver efetivamente interessado na aprendizagem do educando, ou seja, há que se estar interessado em que o educando aprenda aquilo que está sendo ensinado.
(LUCKESI, 1998: 99)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A avaliação pode ser caracterizada como uma forma de aperfeiçoamento da qualidade do ensino. É sabido que a prática avaliativa geralmente acontece para classificar o aluno, o que pode premiá-lo ou excluí-lo.

Para que a avaliação assuma o seu verdadeiro papel de instrumento de diagnóstico para o crescimento da aprendizagem, ela terá que situar e estar a serviço de uma pedagogia que esteja preocupada com a transformação social e não com a sua conservação. Assim, o autoritarismo será desarticulado e predominará um papel efetivo num projeto educativo e democrático.

Sabe-se que durante muito tempo o julgamento do professor foi o único critério segundo o qual se avaliam os alunos, e o principal objetivo era verificar o que eles aprenderam a partir do que foi ensinado. As escolas atuais, entretanto, não visam apenas instruir, dar conhecimentos aos alunos, mas sim, fazê-los crescer e desenvolver as suas potencialidades de diversas maneiras.

Diante desta nova perspectiva, espera-se que o comprometimento com a avaliação se efetive por meio de reconstruções pedagógicas que visam a um ensino mais aberto e flexível quanto à prática avaliativa, dentro do processo de ensino aprendizagem.

É importante reconhecer que não é factível aplicar as mesmas soluções para os diversos níveis do sistema educativo. É preciso considerar os problemas reais de cada sala de aula e, a partir daí elaborar soluções, propor métodos, enfim, buscar novos meios de se avaliar o aluno considerando a sua realidade e tudo o que ele ali realiza.

Refletir sobre avaliação, repensá-la em sua dinâmica, procurar os trajetos no qual ele se reconstrói como parte de um processo coletivo e complexo é sem dúvida um grande desafio. Desafio este que deve ser enfrentado de forma consciente para que os resultados possam ser positivos.

No processo avaliativo é imprescindível considerar também a necessidade da participação do psicopedagogo, que deve colaborar ativamente com o professor, por meio de uma participação efetiva nas avaliações. Por mais que hajam obras e títulos importantes sobre avaliação e que o professor

tenha conhecimento delas, se faz necessário um debate constante entre os dois na busca de um aprimoramento, para o desenvolvimento significativo do educando.

Contudo pôde-se perceber que existem inúmeras referências bibliográficas capazes de levar qualquer leitor a assumir uma postura crítica quanto à avaliação da aprendizagem escolar, de modo a iniciar um processo de mudança no atual sistema de avaliação. Com este estudo não se pretende buscar uma receita pronta de como avaliar o aluno. Pretende-se sim, analisar os critérios avaliativos e mostrar o quanto eles podem ser aprimorados e como isso pode acontecer.

Avaliar está muito além de classificar ou medir, afinal, conhecimento não se mede, nem se enumera. Sendo assim, cada professor em sua sala de aula poderá, a partir de um embasamento teórico, criar os seus próprios meios para avaliar o seu aluno, pois só o educador sabe o que se passa em sua classe, das suas necessidades e aflições.

Constatou-se que a comunidade escolar precisa buscar uma prática avaliativa que vise através da prática da dialética, entre teoria e prática a transformação do contexto escolar, que tem como principal desafio o desenvolvimento pleno do aluno.

Durante a aplicabilidade da pesquisa percebeu-se grande conscientização quantos aos avanços no ato de avaliar, trazendo para o interior da escola, um crescimento da ação coletiva, reafirmando o perfil inovador da prática avaliativa na escola.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE, Ana Elizabeth Maria de. **“A Gestão do Projeto Político-Pedagógico na Escola”**. Dissertação de Mestrado. Brasília-DF, 2000.

ALGARTE, Clóvis. **“Gestão Democrática, Imaginário e Cotidiano”**. O caso da Escola Estadual de 1º grau, dezembro, 1999

Associação Brasileira de Normas e Técnicas NBR 6023: **informação e documentação**: referências: elaboração. Rio de Janeiro

ARROYO, Miguel. **Da escola carente a escola possível**. São Paulo: Loyola, 1986.

BOSSA, Nádya A. **A psicopedagogia no Brasil, contribuições a partir da prática**. Porto Alegre: Artes médicas, 2000.

CARISSIMI, Aline Chalus Vernick. **Avaliação da aprendizagem: concepção, trabalho docente e cultura escolar**. Revista chão da escola. Curitiba: Editora e Gráfica Popular, 2007. ed. Nº06.

CERVO, Amado Luiz; BERVIAN, Pedro Alcino; DA SILVA, Roberto. **Metodologia Científica**. 6 ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

DEMO, Pedro. **“Desafios Modernos da Educação”**. 11ª Ed. Petrópolis, RJ, Vozes. 2001

ESTEBAN, Maria Teresa; GARCIA, Regina Leite; BARRIGA, Angel Diaz; AFONSO, Almerindo Janela. **Avaliação: uma prática em busca de novos sentidos**. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.

GAMBOA, Sílvia Sánchez. **Epistemologia da Pesquisa em Educação**. Campinas: Práxis. 1998

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade**. 9 ed. Porto Alegre: Mediação, 1996

HOFFMANN, Jussara. **Pontos & Contrapontos: do pensar ao agir em avaliação**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

HOFFMANN, Jussara. **Avaliação: Mito e Desafio: Uma perspectiva construtivista**. Porto Alegre: Mediação 2003.

LUDKE, Menga; MEDIANO, Zélia. **Avaliação na escola de primeiro grau**. 2ª ed. São Paulo: 1999.

MEDEIROS, Fernanda Silva. **Uso de Questionários nos Trabalhos de Conclusão de Curso da Licenciatura em Química: uma discussão metodológica**. Porto Alegre, 2012

MERETTO, Vasco Pedro. **Prova, um momento privilegiado de estudo.**

PERRENOUD, Philippe. **Avaliação: da excelência à regulação das aprendizagens - entre duas lógicas.** Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

SOCZ, Beatriz Lima J. **Psicopedagogia, contribuições para a educação pós-moderna.** Petrópolis: vozes, 2004.

SILVA, MARIA Cecília A. **Psicopedagogia em busca de uma fundamentação teórica.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998.

UNESCO, **O perfil dos professores brasileiros: o que pensam, o que fazem, o que almejam...** São Paulo: Moderna, 2004.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **“Escola, Currículo e Ensino”.** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro. (coord.) **“Escola Fundamental Currículo e Ensino”.** São Paulo. Papyrus, 1991

APÊNDICE

Esse trabalho será realizado com os professores, coordenadores e direção da Escola Classe 14 de Planaltina – DF. Todos os resultados serão tabulados e analisados em forma de porcentagem.

QUESTIONÁRIO DESTINADO À EQUIPE DE DIREÇÃO, PROFESSORES E COORDENADORES.

É com imensa alegria e prazer que lhe convido para responder esse questionário que faz parte da monografia para término do curso de Especialista em Gestão Escolar, com o tema: Avaliação da Aprendizagem no Contexto da Avaliação Institucional da Escola.

Peço que volte sua atenção por alguns instantes para que possa responder esse questionário que é parte integrante da monografia para termino do curso de Gestão Escolar com o tema: Avaliação da Aprendizagem no contexto da avaliação institucional da escola.

1. Nível de escolaridade?

Magistério

Superior Completo

Superior Incompleto

Pós – graduação, qual _____.

2. A avaliação Institucional ocorre de maneira satisfatória em sua escola.

Sim

Não

3. Com que frequência você realiza suas avaliações.

Bimestralmente

Mensalmente

Não há um período específico, a avaliação é constante

4. Você aceitaria o auxílio da direção na elaboração de suas avaliações

Sim

Não

Talvez

5. Em sua opinião, nesta escola as avaliações beneficiam os alunos?

Beneficiam muito

Beneficiam pouco

Não beneficiam

6. Qual a função da avaliação no processo de ensino-aprendizagem?

Reformulação da prática pedagógica para melhor desempenho dos alunos

Utilização apenas para promoção e retenção dos alunos

Não possui função alguma

7. Como você define a avaliação da aprendizagem?

8. Descreva o processo de avaliação da aprendizagem que você desenvolve junto aos seus alunos (finalidades, procedimentos e critérios).

9. Qual a melhor forma para avaliar o desempenho do aluno?

() Observando diariamente o aluno

() Mediante a auto avaliação

() Provas bimestrais

() outros meios para avaliar _____